

Dia mundial da alfabetização

Gislene Camargo – Professora do curso de Pedagogia da Unesc / Angela Back – Professora do curso de Letras da Unesc

Iniciar afirmando que a alfabetização no mundo caminha a passos lentos pode ser impactante. Embora seja uma verdade, melhor afirmar que há países bem sucedidos nesse processo e que contam com estatísticas de erradicação do analfabetismo exitosas. Contudo, para além de nos colocarmos em situação de comparação, tateando somente dados quantitativos, sugerimos avançar na reflexão.

Entendemos que o contexto histórico, social e político influenciam todo um processo para o qual é importante se perguntar: O que significa alfabetizar? Qual o papel do professor alfabetizador?

Cada região deste vasto Brasil, em suas políticas públicas, lida com a alfabetização de um modo diferenciado, respeitando suas diferenças e, porque não dizer, suas identidades. Na esfera pública federal, há um documento norteador, as Diretrizes Curriculares Nacionais, mas cada região tem autonomia para construir sua Proposta Curricular com base nas necessidades constatadas. E isso não é pouco, haja vista a estigmatização que o analfabetismo pode instalar nas mais variadas esferas sociais.

E, se tomarmos o contexto histórico, rapidamente chegaremos às suas origens: Brasil império, período em que as escolas, com suas concepções de ensino importadas, consideravam que determinadas classes tinham o direito de estudar, ler e escrever em detrimento de outras. Mais adiante, o Brasil passou por ditadura, repressão e suas políticas educacionais. No bojo desses movimentos, percebiam-se práticas, a exemplo de leitura e escrita, como algo perigoso de ser oferecido ao povo. Na contramão desse movimento, havia cobranças institucionais que não se esgotavam na nação, e, entre tais exigências, havia aquelas em que as estatísticas precisavam melhorar. Como consequência, políticas públicas passam a fazer parte de um governo podendo, em princípio, até mascarar o analfabetismo, mas acabam tornando-se movimentos que vão cunhando necessidades, ganhos sociais, a exemplo do PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa).

Em todo esse processo histórico, muitos teóricos embasaram as pesquisas visando à transformação da Educação, mas cabe ressaltar a transgressão provocada por um ícone nacional com forte inserção

acadêmica internacional: Paulo Freire, que vislumbrou a alfabetização de adultos atrelada a movimentos sociais, a palavra como signo repleto de sentido, portadora de significado.... muito embora sua transgressão o tenha levado ao exílio.

Nesse sentido, Freire nos ensinou que alfabetização é mais que dominar uma técnica. Para além de somente decodificar, a palavra escrita e lida transborda de sentido quando manifesta em situações de interação na e com a vida, no cotidiano das pessoas. As políticas relacionadas à alfabetização, nas últimas décadas, vêm se desenvolvendo e conquistando espaço em simpósios e seminários, resultantes de trabalhos longitudinais em universidades.

Com a mudança na Educação Básica, as crianças passaram a frequentar o 1º ano do Ensino Fundamental com 6 anos de idade, o que gerou um estremecimento curricular. No futuro, essa é mais uma ação que teremos a avaliar: se antes as crianças com 6 anos estavam na pré-escola e hoje estão no 1º ano, isso significa que devem ser alfabetizadas como se estivessem na 1ª série? Talvez sim, talvez não... o fato é que cada região, cada município adaptou essa situação a seu modo, considerando justamente sua identidade, suas diferenças, suas necessidades.

Retomamos as questões iniciais: O que é alfabetizar? Qual o papel do professor alfabetizador? Para responder a essas questões, nossa caminhada, enquanto instituição que forma alfabetizadores há mais de 45 anos, talvez nos permita afirmar, por agora, a você que nos lê, que “alfabetizar é ler e escrever e significar essa escrita e essa leitura; é apropriar-se de conhecimentos e desejar saber mais, compreender melhor e transformar o mundo”.

Defendemos, portanto, que uma atribuição importante do professor alfabetizador seja conhecer os processos de ensino e de aprendizagem e, consequentemente, construir competências para transformar letras em instrumentos de significados, de sentidos sociais. As crianças, os adolescentes e os adultos têm direito de ler, de escrever, de ampliar seus conhecimentos e seus repertórios culturais, para que possamos comemorar o dia da alfabetização com poemas, com músicas e com lindas histórias, em que possamos ser autores e não apenas expectadores.